

**“Aqui a gente tá vendo integração”:
Fluxos culturais juvenis entre fronteiras.**

Gilberto Geribola Moreno
Universidade de São Paulo
e-mail: geribolamoreno@mail.com

Resumo

O artigo apresenta uma reflexão baseada nos apontamentos iniciais de uma pesquisa etnográfica realizada na região da tríplice fronteira (Brasil, Paraguai, Argentina) na qual são abordadas as interações de grupos juvenis residentes nas cidades fronteiriças. A pesquisa em curso foca a observação sobre as práticas culturais e a circulação de grupos juvenis nas cidades de Foz do Iguaçu (Brasil), Puerto Iguazu (Argentina) e Ciudad del Este (Paraguai). Articulando os temas juventude, cidades e fronteiras o trabalho visa contribuir para o entendimento das práticas culturais juvenis desenvolvidas na escala das pequenas e médias cidades, em especial aquelas que compõem regiões de fronteira. Neste artigo apresenta-se a etnografia de um grupo de maracatu sediado do lado brasileiro da tríplice fronteira apontando seus deslocamentos para as cidades vizinhas que compõem a região fronteiriça, bem como de jovens argentinos e paraguaios que atravessam a fronteira para participarem dos ensaios e apresentações do grupo em Foz do Iguaçu e outras cidades da região. A etnografia sinaliza que as interações entre esses jovens de origens distintas no cenário fronteiriço instituem circuitos de práticas culturais juvenis marcados por integrações, sobreposições, deslocamentos e conflitos em um ambiente que pode ser caracterizado pelo desenvolvimento de “híbridos culturais”.

Palavras chave: jovens, práticas culturais, cidades, fronteiras.

Em março de 2015 iniciei uma pesquisa exploratória na região da tríplice fronteira (Brasil, Argentina, Paraguai) com o intuito de reconhecer grupos juvenis que estivessem envolvidos em diferentes práticas culturais. Com esse intuito fixei residência na cidade de Foz do Iguaçu e iniciei por essa cidade uma pesquisa cujo objetivo era compreender as relações entre os diferentes grupos culturais juvenis, suas interações e a possível criação de configurações culturais efetivada por meio da agência, dos circuitos e trajetos dos grupos culturais juvenis da região. Minha imersão em uma cidade de fronteira sinalizou, em um primeiro momento, em muitos aspectos, que esta cidade tem certas semelhanças com outras cidades do interior paulista ou paranaense. Ao mesmo tempo eu percebia que Foz do Iguaçu apresentava características distintas, particularidades próprias da região de fronteira. Nesse primeiro momento da pesquisa tudo era muito marcado pela primeira impressão e pela

adaptação ao ambiente a ser pesquisado. Embora a literatura sobre a região informasse vários aspectos a experiência etnográfica (MAGNANI, 2002. 2009) ditava boa parte de minhas observações e inserção no meio. Seguindo os preceitos e orientações do método etnográfico comecei a deambular pela cidade, observar algumas práticas culturais, conversar com as pessoas, anotar aquilo que me parecia relevante em meu caderno de campo.

Minha primeira percepção sobre a cidade foi a carência de espaços públicos nos quais eu esperava encontrar grupos juvenis a desenvolver suas práticas culturais. A dimensão da cidade média e os hábitos de seus moradores contribuía para essa percepção. Alguns interlocutores jovens repetiram, com poucas variações, que “nós temos poucas baladas. Nossa diversão é se reunir na casa de um amigo para beber, ouvir música e conversar”. Esse depoimento reiterado insistentemente chamava a atenção para um tipo específico de sociabilidade voltada para o âmbito privado da vida. Parecia confirmar outra impressão que eu tive que dizia respeito à dificuldade de encontrar grupos juvenis circulando pela cidade. Por meio das informações dos cidadãos iguaçuenses eu soube que na Praça da Bíblia e, em especial, em um espaço voltado para atividades culturais – o Barracão - se reuniam diferentes grupos juvenis. Obviamente há outros espaços que promovem encontros juvenis na cidade. Alguns em suas bordas, por exemplo, a “comuna” do rapper Mano Zeu que eu viria a conhecer tempos depois, alguns espaços de sociabilidade juvenil embalados pelo consumo de música sertaneja e shows de diferentes estilos. Mas, também, aqueles espaços voltados para o turismo e, em sua maioria, de localização mais central. Porém, ao perguntar para uma vendedora de lanches na Praça da Bíblia o que distinguia aquele espaço de outros da cidade ela respondeu que “é aqui que vem o povão. Se você quer conhecer o povo de Foz tem que ser aqui. Lá para o centro vão mais os almofadinhas, os filhinhos de papai e os turistas, é claro”. A observação e alguns depoimentos com o sentido deste me apontavam que ali poderia ser meu ambiente de pesquisa.

A partir desse momento passei a acompanhar as atividades desenvolvidas nesse local, com especial atenção ao espaço voltado para atividades culturais, o Barracão. Destas atividades optei por acompanhar *de perto e dentro* o grupo Maracatu Alvorada Nova que ensaia nesse espaço. Nas próximas linhas apresentarei as linhas gerais dessa pesquisa e os apontamentos e reflexões preliminares sobre os trajetos e circuitos desenvolvidos pelos jovens que fazem parte desse grupo.

O artigo está dividido em três partes. Na primeira apresento alguns elementos sobre a região da tríplice fronteira com o fito de situar o leitor no ambiente do trabalho etnográfico que venho desenvolvendo na região. Apresentam-se, também, alguns aportes teóricos e as

opções metodológicas que orientam o trabalho de campo e a escrita. A segunda parte do texto é dedicada à apresentação de alguns apontamentos da etnografia realizada na região e, em particular, a abordagem sobre o grupo Maracatu Alvorada Nova. Por fim apresento algumas considerações provisórias a serem aprofundadas com o desenvolvimento da pesquisa.

O ambiente da pesquisa: a tríplice fronteira.

A Tríplice Fronteira, assim denominada depois dos atentados às torres do World Trader Center em 11 de setembro de 2001, é composta por três cidades: a brasileira Foz do Iguaçu, Ciudad del Este no Paraguai e Puerto Iguazu, no lado argentino da fronteira. Essa região é conhecida pela pujança das Cataratas do Iguaçu, no lado brasileiro e argentino, sendo um dos principais destinos turísticos no Brasil. O gigantismo de Itaipu, uma das maiores hidrelétricas do mundo, compõe a grandiloquência da região e é também um destino de turistas. Ciudad del Este destaca-se pelo comércio de diferentes bens de consumo e Puerto Iguazu por seus bares, restaurantes e os vinhos comercializados a preços convidativos. Outra peculiaridade da região é a grande presença de grupos étnicos distintos, dentre os quais, ganham especial destaque, os grupos guaranis e as comunidades árabes e asiáticas. A presença de grupos guaranis circulando pelas fronteiras locais segundo suas próprias definições territoriais é um fator que introduz complexidade aos fluxos da região.

Alguns marcadores negativos têm sobressaído na caracterização desse território, especialmente a porosidade da fronteira que facilitaria o tráfico de drogas e armas. Do lado paraguaio o destaque é para o comércio de Ciudad del Este mercado, em alguns casos, por ilegalismos e ilícitudes, segundo tem sido divulgado pelas diferentes mídias. Na porção paraguaia sobressai, ainda, a presença dos brasiguaios, termo que deriva da migração de brasileiros para o Paraguai constituindo um grupo heterogêneo composto por fazendeiros, trabalhadores por empreita, posseiros e trabalhadores sem terra (ALBUQUERQUE, 2005; 2009). Pode-se observar que a própria junção de duas palavras (brasileiro e paraguaio) para construir o vocábulo que nomeia esse grupo sinaliza a constituição de um hibridismo local. A cidade de Puerto Iguazu é pouco lembrada pelo discurso externo, mas mantém, também, intenso fluxo fronteiriço, sobretudo para atividades de lazer de grupos de brasileiros que buscam o ar pitoresco da região, seus vinhos e queijos.

Somam-se a esses elementos a diversidade de línguas faladas no território como guarani, português, espanhol, árabe e as línguas asiáticas, e, também, o “portunhol”,

designação de um hibridismo linguístico que combina português e espanhol em uma articulação inovadora¹. Todos esses elementos sinalizam a diversidade cultural da região, constituída por grupos tradicionais, mas, também, por manifestações que estão em sintonia com as novas configurações sociais do mundo globalizado.

Desde os atentados ao World Trade Center em 2001, a região passou a receber a atenção internacional, em especial do serviço de inteligência dos Estados Unidos da América, devido à presença da população árabe e muçulmana. Aventou-se, por ocasião dos atentados, a possibilidade da existência de células dos grupos Hezbollah e Al-Qaeda nestas cidades, suscitando um discurso sobre a região que a caracterizava como uma “terra sem lei” na qual proliferavam grupos de apoio ao terrorismo internacional. Nas palavras de Montenegro & Bêliveu (2006: P.17):

(...) comienza a ser categorizada como um área com características propias, al ser construida como noticia em la prensa internacional y nacional. El discurso periodistico assimila la zona a um espacio transnacional, una tierra sin ley, que escapa a los controles estatales. La Triple Frontera se convierte em metáfora de las “zonas grises” y de los amenazantes espacios a los que se atribuye imprevisibilidad, em el marco de discursos relacionados com agendas de seguridad, em la era del “terrorismo global”.

Embora esse quadro seja excessivamente genérico ele aponta a existência de certo olhar para a região que, orientado de fora, pode estar imputando à região características estereotipadas e, muitas vezes discriminatórias, que não abrangem as possíveis diferentes manifestações socioculturais de seus habitantes. Inclusive, esse olhar estereotipado sobre a Tríplice Fronteira, pode dificultar a percepção da existência de um contra discurso, expresso em diferentes ações e linguagens, bem como de práticas orientadas no sentido de se opor à visão corrente e de senso comum sobre a região redefinindo o território e as relações de seus habitantes.

Sabe-se que as fronteiras nacionais se definem de um lado pelos marcadores políticos administrativos, delimitadores que podem instituir identidades demarcando pertencimentos aos Estados-nação ou a grupos étnicos específicos. Podem ser compreendidas, também, como espaços de fluxos de pessoas, bens, símbolos, códigos e signos, que podem estar orientados pelos marcadores institucionais, mas, também, podem ser regidos por outras lógicas. Aquelas próprias dos grupos que compõem o espaço fronteiro. Seguindo essa

¹ O portunhol tem ganhado expressão poética através de algumas obras literárias escritas nesse idioma. Dentre essas destacam-se os trabalhos de Douglas Diegues (2006; 2008), escritos, segundo sua denominação, em “portunhol selvagem”.

perspectiva, trata-se de compreender a região da tríplice fronteira como um espaço integrado através da ação e das práticas cotidianas (de CERTEAU, 1996) de seus habitantes que podem, em diferentes medidas, criar contra discursos, sobretudo, em relação aos estereótipos de “terra sem lei” ou de região caracterizada pela presença do terrorismo internacional. As dinâmicas instituídas pelas práticas, circulação e fluxos de objetos, signos e pessoas, podem, também, promover a constituição de diferentes configurações socioculturais e de híbridos resultantes do intercâmbio entre distintos elementos significantes desse território. Desse modo, acompanha-se, neste trabalho, a posição de Pozzo (2014) que afirma:

Ciudad del Este, Foz do Iguacu, Puerto Iguazu, deben ser estudiadas y pensadas como realidades integradas en la region (...) El espacio socialmente construido ya no puede ser estudiado y pensado desde la realidad de una sola lengua y un único territorio. Se hace cada vez mas urgente estudiar los asentamientos-en-movimiento, las transfronteras y los espacios deborderizados para poder comenzar a entender algo de este complejo enmarañado social denominado Triple Frontera (pp. 27-8).

A Tríplice Fronteira, portanto, pode ser abordada como uma “zona fronteira”, sendo que esta, do campo da pesquisa antropológica, mas, também, no cotidiano de seus moradores, pode ser “explorada com mais criatividade por deslocamentos situacionais e combinações inovadoras, organizando seus recursos de novas maneiras, fazendo experiências. Nas zonas fronteira, há espaço para a ação [agency] no manejo da cultura” (HANNERZ, 1997: p. 23). A discussão acerca dos fluxos culturais nas regiões de fronteira deve levar em conta dois outros termos propostos por Ulf Hannerz (1997): fronteiras e hibridações. Embora possa ser uma tentação abandonar a perspectiva institucional da fronteira em prol da constituição de uma região marcada pela diversidade e de híbridos culturais percebe-se, através da etnografia, que os moradores se apropriam dos limites políticos administrativos como marcadores em seus deslocamentos e definidores de diferenças entre os demais moradores da região. Segundo o depoimento de um jovem: “Nós somos paraguaios. Então temos nossas especificidades que são diferentes das de vocês. E não tem nada a ver com o comércio daquele canto da cidade (se referindo à zona de comércio de Ciudad del Este). Se você entrar mais pela cidade você vai ver outro Paraguai, outro ritmo, outro tudo. Temos um ritmo próprio, um jeito de encarar a vida de outra maneira que não tem nada a ver com o jeito

brasileiro” (Pablo)². Frequentador assíduo dos eventos que se realizam do lado brasileiro da fronteira, este jovem aponta uma característica constante em meus interlocutores: uma ênfase no estabelecimento das diferenças entre os grupos e dinâmicas de integração marcando as características de cada grupo em seu pertencimento nacional. Ao mesmo tempo por meio das ações de diferentes ordens (econômicas, sociais, culturais etc.) desenvolvidas pela circulação no território se implementam dinâmicas que instituem novas configurações socioculturais. Os deslocamentos entre as cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este são realizados mais frequentemente para compras e trabalho. Nesse aspecto há deslocamentos nos dois sentidos entre Brasil e Paraguai de pessoas que trabalham no comércio de Ciudad del Este e de diaristas e empregadas domésticas que trabalham no Brasil. Em minha pesquisa venho trabalhando com o termo “região de fronteira” por compreender que este apresenta certa funcionalidade analítica no sentido de se abarcar toda região, compreendendo-se, porém, a fronteira político administrativa como um elemento que institui certos marcadores sociais da diferença que compõem a vida daqueles que residem nas cidades da tríplice fronteira³. Nesse movimento de diferenciação assiste-se a um diálogo entre os termos institucionais que demarcam as fronteiras e aqueles que os deslocam por meio da ação dos sujeitos que habitam os espaços fronteiriços, criam “híbridos culturais”⁴ e criam ou recriam processos de integração.

Em minha pesquisa na região venho acompanhando um grupo de maracatu cujos participantes são em sua maioria brasileiros residentes em Foz do Iguaçu. Porém alguns membros do grupo são paraguaios de Ciudad del Este e, com uma participação menor, alguns argentinos da cidade de Puerto Iguaçu. O regime de interação entre os membros do grupo e as atividades nas quais o grupo se insere promove certos deslocamentos dos membros do grupo – os batuqueiros – entre essas cidades e, em especial, no trajeto definido pela travessia da Ponte da Amizade que liga Brasil e Paraguai.

Observa-se, no cotidiano da região uma maior interação e circulação entre as cidades de Foz e Ciudad del Este. Facilitada, em boa medida, pela Ponte da Amizade e uma

² Optei por trocar os nomes de alguns interlocutores para preservar-lhes anonimato. No entanto, para aqueles de projeção pública mantive seus nomes originais, pois entendo que são facilmente identificados mesmo sob um nome fictício.

³ Alguns trabalhos têm apontado que a fronteira abarca outras cidades e mesmo a perspectiva nativa, em algumas ocasiões, extrapola as três cidades aqui delimitadas como componentes da tríplice fronteira. Por uma questão de recorte empírico optei por trabalhar com as cidades mais reconhecidas como pertencentes a essa fronteira.

⁴ Eagleton (2003), Said (1995) e Garcia Canclini (2011) entre outros apontam que as culturas dialogam, estão todas envolvidas umas com as outras e que de certo modo não há cultura isolada ou pura fato que justificaria a noção de hibridismo cultural. Nesse sentido adoto aspas no termo “híbridos” por compreender que este apresenta certa fragilidade conceitual.

fiscalização menos incisiva na aduana paraguaia. O grande fluxo de pessoas entre essas cidades se desenvolve principalmente devido ao comércio de bens eletro eletrônicos e outros produtos oferecidos do lado paraguaio com preços mais acessíveis. O que torna específico esse trajeto no caso dos jovens é seu deslocamento para fins de cultura e lazer. Os deslocamentos com a cidade de Puerto Iguazu são em menor número e com outras finalidades, mas, no caso dos jovens prevalece os deslocamentos para fins culturais. Cidade de menor porte, Puerto, como é chamada localmente, não oferece as mesmas mercadorias que a cidade paraguaia, mas destaca-se por uma atividade noturna com bares, cafés e pelos restaurantes que servem comidas típicas da Argentina, um atrativo para os turistas que visitam a região. Embora seja uma cidade que apresente essas opções de lazer os membros do grupo que tenho me dedicado a acompanhar não realizam deslocamentos substanciais para essa porção do território. A distância maior em relação a Foz e uma fiscalização aduaneira mais rigorosa do lado argentino estabelece certas dificuldades quanto ao fluxo para essa cidade daquele que se realiza para Ciudad del Este. Não obstante a participação de jovens argentinos dessa cidade no grupo de maracatu possibilitou que o Alvorada Nova se apresentasse no carnaval de 2016 de Puerto Iguazu e Puerto Esperanza, outra cidade da região de Misiones.



Cortejo do grupo Maracatu Alvorada Nova em Puerto Esperanza - Argentina. Foto de João Otávio Lourenço.

Com ênfases e frequências distintas a depender da origem constata-se a existência de dois trajetos corriqueiros entre as cidades, mas que se redefinem como um circuito cultural por meio das práticas engendradas pelos grupos juvenis. Reafirmando as diferenças entre os participantes do grupo de maracatu pode se observar que as barreiras aduaneiras e as pontes que ligam as cidades apresentam-se como pórticos, espaços liminares que definem pertencimentos e estabelecem marcadores das identidades nacionais. Percebe-se claramente a

partir da pesquisa de campo diferenciações engendradas pelo pertencimento aos Estados Nação e o estabelecimento destas diferenças nacionais nos depoimentos dos jovens. Embora seja corrente a percepção de que as identidades são fluídas e contingentes (HALL, 2006) elas se apresentam na região de fronteira como marcadores sociais da diferença caracterizando cada subgrupo pelos estereótipos nacionais. Contudo, os jovens das diferentes nacionalidades vêm conferindo outro sentido aos trajetos entre as cidades deslocando-o das referências comerciais e agregando um número crescente de jovens em atividades culturais dos dois lados das pontes. Em uma tentativa de assinalar esses deslocamentos, no próximo tópico me concentrarei na apresentação dos apontamentos etnográficos sobre o grupo de maracatu Alvorada Nova em sua circulação pelas cidades fronteiriças.

Alvorada Nova: sob o signo da diferença.

“Axé Nação Porto Rico,

Axé Semente de Angola,

Axé Alvorada Nova,

Ogum,

verde e vermelho”.

Ao final dos ensaios do grupo de maracatu os participantes formam uma roda mantendo-se lado a lado e com os braços sobre os ombros uns dos outros. No centro do círculo deixam os instrumentos. Alison, o mestre do grupo, profere as três primeiras frases escritas acima que são respondidas pelo grupo por meio da expressão “axé”. O grupo realiza um movimento em onda com os corpos se deslocando no espaço em círculo sem que seus participantes retirem os braços do ombro de seu vizinho de roda. Em uníssono todos verbalizam o cumprimento axé em uma sequência longa do vocábulo. Por fim, encerrando o ensaio ocorre o chamamento a Ogum e os membros do grupo respondem: “verde e vermelho”, as cores da nação Porto Rico⁵. Assim se encerram todos os ensaios do grupo que são realizados no Barracão Cultural, espaço voltado para diferentes práticas culturais desde os anos 1990. Este espaço foi criado por Betinho, um agente cultural da cidade de Foz do Iguaçu, que desde que instalou o barracão passou a residir em Foz constituindo família com uma

⁵ Existem duas denominações de maracatu. O maracatu de nação ou do baque virado e o maracatu rural ou do baque solto.

moradora, também envolvida com práticas culturais. A família estendida do casal – contando-se as irmãs de sua esposa – também tem atuação reconhecida no ambiente cultural da cidade. Desde que montou o Barracão apenas por um período de três anos Betinho não esteve à frente das ações desenvolvidas neste local. Segundo suas palavras: “teve um prefeito que cismou com a gente e não quis a gente aqui. Então vieram outras pessoas que não fizeram nada. Depois a gente voltou e passamos a fazer o festival de teatro que durou mais de dez anos. Agora o teatro tá mais com as meninas e eu acho que a gente tem que ampliar. Por exemplo, para essa discussão da cultura popular. “Até 2013, quando surgiu o Alvorada, não se discutia cultura popular na cidade”. (Relato reconstituído no caderno de campo)

O Barracão comporta um palco para apresentações teatrais e um auditório para aproximadamente cem pessoas. Na entrada há um guichê para a venda de ingressos para assistir os espetáculos. Estes são produzidos pelos grupos da casa, mas ocorrem, também, no Barracão, espetáculos de outras localidades seja de cidades brasileiras ou dos países vizinhos. Atrás do palco há uma sala na qual se guardam instrumentos musicais do grupo de maracatu, figurinos etc. Uma cozinha e um banheiro completam o espaço dos fundos do Barracão. A área externa serve de estacionamento e espaço de convivência no qual são realizadas algumas atividades como, por exemplo: comemorações pelo aniversário dos diferentes grupos que utilizam o espaço, feira de trocas, exposições etc. Construção típica da região sul, e como o próprio nome indica, é construída em madeira, seu piso é em cimento queimado. O local não conta com equipamentos e instalações sofisticadas, mas não apresenta um ar de precariedade e improvisos.

O Barracão está localizado na Praça da Bíblia, local que reúne diversos trailers estacionados ao largo da praça que oferecem diferentes tipos de comida: espetinhos, mandioca recheada (escondidinho), hambúrgueres, yakissoba, sawarma, costelas de porco, maçã do amor, cervejas, refrigerante e sucos etc. Alguns vendedores trabalham com produtos originários do Paraguai como brinquedos eletrônicos, CDs e DVDs piratas etc. A praça é frequentada por muitos casais com ou sem suas crianças e jovens de diferentes idades. A frequência dos jovens à praça destina-se ao consumo de lanches após cultos religiosos, “abastecer as baterias” após a prática do skate, paquerar ou para o “esquentar” antes de começar a noite, sobretudo aos sábados.

O grupo de maracatu algumas vezes abandona as dependências do Barracão e faz incursões pela praça em rápidas apresentações que sempre causam muita sensação rompendo com a rotina do local marcado pela calmaria daqueles que sentados à suas mesas comem, bebem e conversam.

Tradicionalmente os grupos de maracatu de nação têm relações com os terreiros de candomblé, fato sempre lembrado por Alison, o mestre do grupo. No entanto, pessoas de diferentes denominações religiosas participam deste grupo e acompanham as manifestações vinculadas às entidades de matriz africanas que compõem o panteão religioso do candomblé.

Desde sua origem o grupo Maracatu Alvorada Nova estabeleceu seus laços com um terreiro de candomblé localizado nas imediações da Praça da Bíblia. Embora aqueles que não seguem essa religião acompanhem, nos ensaios, as referências aos orixás em outras ocasiões não o fazem e, também, não frequentam o terreiro. Mesmo o mestre do grupo tem dito que “eu não tenho cumprido com minhas obrigações e a Mãe Odete me cobra por isso”. Isso tem causado certa controvérsia nas relações entre os membros do maracatu e aqueles que são do terreiro.

Na comemoração do aniversário de dois anos do grupo organizou-se uma grande festa à qual acorreram jovens das três cidades fronteiriças e de algumas pequenas cidades paranaenses. A organização ficou a cargo de grupos responsáveis por diferentes atividades: grupo da recepção, das comidas, das bebidas, da limpeza, cabendo aos argentinos providenciarem vinho, sua especialidade nacional. Toda a área foi tomada pela festa e as diferentes atividades e apresentações de artista locais em apoio ao grupo. Mãe Odete, a mãe de santo do terreiro local, foi convidada a proferir uma palestra sobre o candomblé e seus orixás a qual um expressivo público compareceu. Seu terreiro é um dos mais antigos da região e conta com um grupo de afoxé. Após sua palestra o público fez perguntas à mãe de santo que as respondeu em tom descontraído, mas acentuando que “o povo de santo tem sido vítima de muito preconceito e a gente precisa se opor a isso porque daqui a pouco não vamos poder andar na rua”. Ao fim de sua participação Mãe Odete retirou de sua bolsa uma carta dizendo “nós estamos em um ambiente democrático por isso quero ler uma carta que o grupo de afoxé fez com relação ao que a gente tem visto aqui”. Nesse momento os membros do grupo de afoxé subiram ao palco postando-se ao lado da Mãe Odete numa aparente tentativa de demonstração de apoio, força e união. A carta se referia à tradição do maracatu, seu vínculo ao candomblé, e enfatizava a falta de comprometimento do grupo com essa tradição; a pouca aproximação dos membros do grupo com o terreiro e a apropriação indevida da cultura negra por parte do grupo de maracatu. O grupo de Afoxé afirmava que aquele maracatu era apenas um grupo artístico cultural e que, por isso, não contribuía e até mesmo negaria a luta do povo negro. Ao término da leitura da carta a mãe de santo e o grupo de Afoxé se retiraram da festa restando apenas dois de seus membros. Dado o anticlímax criado pela leitura da carta nos dias subsequentes acionou-se toda uma série de dispositivos para aproximar os dois grupos e

dirimir as dificuldades da relação. Reuniões foram realizadas e nos grupos se discutiu o teor e a pertinência da leitura da carta. As posições de fato apresentaram-se conflitantes, pois o grupo de maracatu entende que não se apropria da cultura negra no sentido que lhe é imputado pelo grupo de afoxé, mas que toca maracatu e, mais importante, que sua vinculação específica é com o Maracatu Nação de Porto Rico, ramificação original da Praia do Pina, em Recife. Mestres da Nação Porto Rico de Recife foram acionados – por coincidência um estava em Foz - afirmando a filiação do grupo àquela nação. Com a filiação esclarecida cabia apaziguar os ânimos. Novas reuniões ocorrerão entre o mestre do grupo de maracatu e a mãe de santo. O retorno às boas relações foi selado com a participação do grupo que tocou um baque na festa do terreiro. A mãe de santo agradeceu a todos pela presença e pediu desculpas pelos desentendimentos. No entanto, as relações ainda se mantêm sob alguma névoa de desconfiança, caracterizada pela diferentes opções com que cada grupo lida com sua prática cultural e se relaciona com as diferentes instâncias locais.

Neste relato observam-se distintas formas de exercer a prática cultural na região. O grupo de maracatu atua com um sentido aglutinador de diferentes elementos dispersos pelo território. Busca referências na tradição, mas, ao mesmo tempo aciona elementos que se coadunam a outras lógicas e princípios. Afirma o pertencimento a uma linhagem dentro do maracatu denominado Nação Porto Rico, grupo histórico recifense que deita raízes no início do século XX e que, por sua vez, afirma-se como herdeiro das tradições africanas. Em todas as apresentações o mestre do Maracatu Alvorada Nova afirma pra à plateia que “o maracatu é uma tradição da cultura negra, nós somos ligados ao candomblé, uma religião de matriz africana. Maracatu é isso: cultura popular negra de matriz africana e de culto aos orixás”. Vale a pena realçar que o grupo faz várias apresentações no circuito cultural das cidades próximas no Brasil e nos países vizinhos em eventos que não estão relacionados com as culturas afrodescendentes. Quanto aos participantes do grupo, como já foi dito anteriormente, a maioria de seus membros não têm ligações com o candomblé ou religiões de matriz africanas. Com referência ao marcador social de diferença cor/raça eu afirmaria que a maioria dos participantes do Alvorada Nova são brancos⁶.

Embora eu não acompanhe diretamente o grupo de afoxé observo que não se pode afirmar que este não articule elementos estranhos à tradição que advogam e que reivindicam como elemento característico e fundamental dos grupos culturais de matriz africana e, em

⁶ Essa definição passa pela minha observação visual. Reconheço certa dificuldade em definir cor/raça sem ouvir a manifestação das pessoas abordadas. Contudo, dado o momento em que se encontra a pesquisa optei por correr o risco de uma definição apressada que pode, eventualmente, ser redefinida futuramente por meio da auto atribuição dos participantes.

especial deles próprios. A observação permite afirmar que eles fazem um uso estratégico do essencialismo cultural que reivindicam aos moldes observados por Spivak (2014), pois estão no mesmo campo de atuação do maracatu ao qual denominam como cultura popular e disputam os mesmos espaços de apresentações, representações e financiamentos.

De todo modo observa-se que o grupo de maracatu tem uma perspectiva de atuação marcada pela mobilidade sobre o território que lhe confere uma maior inserção social e exposição pública. Nesse sentido sua prática está em sintonia com as ações e práticas culturais dos grupos de maracatu mais conhecidos e com maior tempo de atuação. Segundo um expoente da Nação Porto Rico “hoje são muitos os que estão viajando dando oficina de maracatu. Eu estou viajando faz um mês, indo de cidade em cidade. Meu marido está em Paris para um encontro de oito grupos que tem lá” (Mestre Ana). Seguindo as observações de Ortner (2006) eu diria que “expressões como “cultura pública” ou, nos termos de James Clifford, “cultura viajante” (1997) dão conta dessa visão mais móvel das formas e das forças culturais” e com isso deslocam a tradição e sobrepõem novos elementos sobre esta recriando a cultura que se inova por meio da experiência dos agentes. Em outros termos eu afirmaria que esses grupos atuam embasados em certos elementos das tradições, porém deslocando alguns componentes e agregando outros de diferentes origens e nesse movimento vão recriando novas manifestações e práticas culturais.

Encontros culturais.

O grupo de maracatu Alvorada Nova tem percorrido as cidades da região fronteira participando de diversos eventos. Realiza suas apresentações, na maior parte das vezes, sem cachê, apenas com uma ajuda de custo. Reconhecido como ponto de cultura pelo Ministério da Cultura recebe uma verba que exige como contrapartida apresentações e a realização de oficinas nas escolas da região. Dentre suas apresentações algumas são feitas nas cidades além dos limites fronteiriços e que, evidentemente, não constam da exigência de contrapartida por parte do ministério. Trata-se, portanto, de uma atividade espontânea do grupo. Decidida entre os participantes.

Dentre essas atividades o grupo foi convidado a se apresentar na Primeira festa da Cultura de Ciudad del Este, realizada no dia 02 de maio de 2015 e organizada por um grupo de jovens paraguaios.

O visitante de Ciudad del Este em geral percorre as lojas de produtos eletrônicos, perfumes, e diferentes produtos de distintas origens atrás de um bom preço cuja revenda seja garantida com lucro ou apenas que a economia de algum dinheiro justifique a visita. Nesta parte da cidade o burburinho entre compradores e vendedores é intenso, chegando a ser desconfortável, o tráfego é caótico e o visitante sofre todo tipo de abordagem nas ruas. Contrapondo-se às primeiras impressões sobre a cidade vislumbra-se, após percorrer-se a zona de intenso comércio pela qual ela é conhecida e visitada, uma grande praça na qual os moradores passam seu tempo livre e desfrutam os finais de semana entre brincadeiras, jogos de futebol, pique nique com a família etc. A área impressiona pela grandiosidade, pois fora o aeroporto da cidade, agora transformado em espaço de sociabilidade e lazer. Situado na avenida principal o visitante encontra um lago com pessoas caminhando ou correndo em suas margens, mais acima a praça que se estende por um longo trajeto. Quadras poliesportivas, pistas de skate, playgrounds. Foi nesse espaço, entre o lago e a outra parte da praça que um grupo de jovens realizou a Festa da Cultura de Ciudad del Este. Um trecho da praça foi reservado para as apresentações de shows de grupos locais. Nele montou-se um palco para apresentações de teatro e música. As margens da área ocupada pela festa foi iluminada com velas aromáticas colocadas dentro de cascas de laranja ressecadas. Barracas com comidas vegetarianas ofereciam diferentes quitutes e outras comercializavam artesanatos. Pelo meio da tarde o público era quase que exclusivamente de jovens, porém, com o correr das horas outros grupos de idade foram se agregando à festa. Se alguém procurasse uma festa paraguaia típica não a encontraria naquele lugar, marcado pela afluência de jovens com seus códigos denotando o pertencimento a diferentes grupos de estilo.

Para o grupo de maracatu chegar à festa foi marcado um encontro entre dois jovens paraguaios, participantes do maracatu, e alguns membros do grupo em frente ao terminal de ônibus da cidade de Foz do Iguaçu. De lá partimos em ônibus convencional para Ciudad del Leste. Na chegada ainda com poucos participantes percebia-se a frequência mista entre brasileiros e paraguaios que conversavam, na maior parte das vezes que pude observar, em portunhol, a língua franca desse encontro e dos encontros cotidianos entre moradores dessa região de fronteira. Comentando o encontro Augusto, morador desde os anos 1990 de Foz, disse: “aqui a gente tá vendo integração”. Referia-se aos discursos oficiais acionados por ocasião dos tratados internacionais de integração dos países latino americanos dentre os quais o Mercado Comum do Sul – MERCOSUL.

Com a chegada da noite o grupo de maracatu se apresentou. Ao soar os tambores pessoas que estavam nas imediações se juntaram à festa. Muitos com suas cuias de chimarrão

ou tererê dançavam ao som do ritmo pernambucano. As mulheres que tocam abê colocaram-se perfiladas na frente do grupo. Vestidas com saias coloridas e rodadas e girando ao tocarem o instrumento imprimiam à apresentação uma “marca brasileira”: o “gingado”, a “malemolência” corporal e certa “sensualidade”⁷. Um jovem paraguaio tocava o gonguê marcando o tempo das execuções. Nas caixas nós dávamos o ritmo da música ao passo que as alfaias divididas entre brasileiros e paraguaios tomavam o ambiente com sua sonoridade grave⁸. Os organizadores do encontro compartilhavam da mesma ideia: Pablo afirmava que “olha que coisa linda. Temos que fazer mais vezes. O maracatu vir para cá é sensacional”.



Fotos da apresentação do grupo Maracatu Alvorada Nova em Ciudad del Este. Fotografo: João Otavio Lourenço.

No mês de outubro o mesmo grupo de jovens organizou a Festa Arapoty (primavera) ocupando outro ponto da praça. O teor da festa era “brindar a chegada da primavera com um encontro entre pessoas para compartilharem atividades saudáveis, comidas saudáveis visando à construção de um mundo são”. Segundo o informativo Artes y Espectáculos:

“El evento será artístico, cultural y educativo. Habrá música en vivo, clases de yoga, danza, feria de comidas vegetarianas, jugo de frutas, adopción de animales y entrega de plantines de especie nativa. El grupo Maracatu Alvorada Nova, de Foz de Yguazú, Brasil, será uno de los principales atractivos, además se prevé, danza y exposición nativa de los Maka”.

Mais uma vez a alimentação da festa foi vegetariana ou vegana. A introdução da alimentação vegetariana estabelece um contraponto de destaque aos hábitos alimentares tradicionais da região marcados pela presença da carne bovina, em especial a costela assada acompanhada de mate ou cerveja. Os participantes puderam praticar ioga e pilates, assistir a apresentações musicais, comprar artesanatos etc. O grupo de maracatu foi anunciado como a principal atração vinda do Brasil. As expectativas em torno dessa “atração vinda do Brasil”

⁷ Adoto propositalmente certos estereótipos impingidos à mulher brasileira por ter ouvido manifestações nesse sentido no local acompanhadas das expressões “muy buena” “muy garbosa”.

⁸ O abê é um chocalho feito de uma grande cabaça recoberta de contas. Tocado por meio do balanço das duas mãos em oposição. O gonguê assemelha a um sino de vaca e é percutido com uma baqueta marcando o compasso das músicas. As caixas são mais conhecidas por serem usadas em fanfarras, escolas de samba e compor a bateria. As alfaias são o diferencial do maracatu no que tange aos tipos de instrumentos. Trata-se de grandes tambores percutidos com duas baquetas.

podem reverberar toda uma estereotipia já observada no encontro anterior e que põe em diálogo e tensão os marcadores sociais de cada grupo nacional.

Como ocorrem em todos os seus encontros, seja para ensaio ou apresentações, ao final de sua apresentação nesse evento o grupo de maracatu fez um círculo composto por seus batuqueiros entrelaçando os braços sobre os ombros uns dos outros. Os participantes da feira foram convidados a se reunirem ao grupo: “venham para o axé” interpelavam os membros do grupo aos participantes da Festa Arapoty. Muitos atenderam ao chamado juntando-se ao grupo. Agradecimentos pela presença por parte dos organizadores e pelo convite por parte dos batuqueiros e seu mestre foram a tônica desse momento em uma demonstração de gratidão e reciprocidade entre as partes. Em dado momento uma participante da roda pediu “um axé para essa fronteira que não tem fronteiras”. Todos gritaram axé e alguém bradou “todos nós somos o mesmo povo”. Havia certa emoção no contato entre as pessoas, muitos agradecimentos de um lado pelo convite a participar e, do outro por ter aceitado se apresentar. Pode-se pensar no acionamento de uma relação baseada em uma economia do dom, na qual prevalece a troca simbólica sem a mediação do ganho pecuniário ou do lucro. Soledad, moradora de Ciudad del Este afirma, muito emocionada que “foi linda a presença de vocês aqui na nossa cidade. Cria um clima diferente entre as pessoas, diferente do dia a dia da cidade e do tipo relação que as pessoas têm”.

Considerações finais.

A globalização, fenômeno que abarca aspectos sociais, econômicos e culturais, apresenta uma dimensão que se opera na pequena escala cuja visibilidade esta nas barracas e feiras de diferentes produtos pelas ruas das cidades de distintos países. Desse processo fazem parte os sacoleiros que atravessam a ponte da Amizade em busca de produtos originais ou pirateados para vender nas cidades brasileiras. Tarrius (2002) discute essa questão apontando a existência de uma globalização por baixo, parte constituinte da globalização. No mesmo sentido Ribeiro (2010) sinaliza a existência de uma “globalização popular” que faz circular uma gama de produtos de diferentes origens para os mais diversos destinos. O mesmo fenômeno me parece ocorrer com os processos de integração latino americana cujo maior expoente tem sido os acordos firmados no âmbito do Mercosul entre os Estados.

No marco das práticas culturais exercidas pelos grupos juvenis na região de fronteira cabe pensar esse espaço como um lugar de anunciação (Bhabha, 2005) de novas formas de relações sociais e da criação de formas inusitadas e inesperadas de intercâmbio na

dimensão das trocas simbólicas. Ao acompanhar os jovens em minha etnografia pela região observo processos de integração que ocorrem por meio de deslocamentos físicos e simbólicos que marcam as semelhanças e diferenciações entre os jovens. Esse processo se desenvolve no âmbito das cidades e dos eventos organizados pelas juventudes locais instituindo circuitos e trajetos orientados pelas práticas culturais e de lazer. Evidentemente há outros elementos que constituem diferentes circuitos e trajetos. Possivelmente o mundo do trabalho deve mobilizar um número expressivo de pessoas transpondo as fronteiras de lado a lado. No escopo de minha pesquisa, ganha relevância aquelas práticas convencionadas como culturais. Essas práticas são realizadas de maneira espontânea, nos momentos de tempo livre e envolvem uma proposição discursiva não hegemônica que pode transbordar os limites dos grupos juvenis. Assiste-se a elaboração e difusão de práticas culturais que agregam jovens de diferentes origens e pertencimentos sociais. Essas práticas culturais não eliminam as diferenças entre os membros dos grupos, mas lidam com as tensões entre os diferentes pertencimentos aos Estados nacionais e inauguram uma perspectiva de uma ação juvenil transfronteiriça. Desse modo os jovens acionam elementos compondo um contra discurso que desconstrói o discurso hegemônico sobre a região e sua gente elaborado em grande medida de fora para dentro.



Grupo Maracatu Alvorada Nova atravessando a fronteira com a Argentina. Foto de João Otavio Lourenço.

As práticas culturais juvenis observadas na região podem estar instituindo novos contextos ao transitar por fronteiras sociais, culturais e políticas. Essa mobilidade das práticas culturais “pode ser vista como algo que se desdobra e que é apropriado de maneiras muito mais variáveis do que se supunha ser o caso da cultura em sentido clássico” (Ortner, 2006). Ao transitar por entre os espaços instituindo circuitos e trajetos transfronteiriços esses jovens estão criando e recriando relações de diferenciação e integração na qual sobressai a elaboração de espaços comuns usufruídos pelos jovens dos países que compõem a região de fronteira.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.

ALBUQUERQUE, J. L. C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Tese (Doutorado em Sociologia)–Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

BHABHA, H. O lugar da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CERTEAU, M. A Invenção do Cotidiano- Artes do Fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996. Capítulo VII - Caminhadas pela cidade; Capítulo IX- Relatos de espaço.

DIEGUES, Douglas *et alli*. “Karta-Manifesto-del-Amor-Amor-em-Portunhol-Selvagem”. O Globo. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2008. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/cultura/confira-manifesto-em-defesa-do-portunhol-selvagem-3607777> . Acesso em 25 de setembro de 2015.

_____. *Bichos paraguaios: mitologia popular paraguaia recriada em portunhol selvagem por Douglas Diegues com mucho esperma y sangre du corazon*. 2006. Disponível em:

<http://www.bichosparaguaios.blogspot.com.br> acesso em 10 de outubro de 2015.

EAGLETON, T. A ideia de cultura. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

GARCIA CANCLINI, N. Culturas Híbridas, São Paulo: EDUSP, 2011.

HALL, H. Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HANNERZ, U. *Fluxos, Fronteira, Híbridos: palavras chave da antropologia transnacional*. MANA 3(1):7-39, 1997.

MAGNANI, J. G. C. & Bruna, M. de S. (orgs) *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo, Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, J. G. C. & TORRES, L. L. (orgs) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSPFAPESP: 2000.

MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação ou De como os Baloma de Kiriwana pode reencarnarse nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Ed. UNESP- Ed. Hucitec, 1998.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana*. RBCS, v.17, nº 49, jun. 2002.

_____. *Etnografia como prática e experiência*. Horizontes Antropológicos, ano 15, n. 32,198 p.129156, jul./dez. 2009.

_____. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana* São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

_____. *Circuito: proposta de delimitação da categoria*. São Paulo, 2014 (no prelo).

MONTENEGRO, S. & BÉLIVEAU, V. G. *La Triplíce Frontera: globalizacion y construccion social del espacio*. Buenos Aires, Miño y Davila, 2006.

ORTNER, S. B. Uma atualização da teoria da prática. Conferência proferida na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia, 2006.

POZZO, A. O. Paraguai y sus fronteras: apuntes sobre culturas em movimento em territórios que se reconfiguram. In: PEREIRA, D. A. (org.) *Cartografias Imaginárias da Tríplice Fronteira*. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

RIBEIRO, G. L. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - Vol. 25 nº 74.

SAID, E. W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TARRIUS, A. *La mondialisation par le bas. Les nouveaux nomades de l'économie souterraine*. Paris : Edition Ballande, 2002.